

LEIA AINDA  
NESTA EDIÇÃO

Manifesto da APROPUC  
condena invasão  
do Líbano

\*

Serviço Social inicia  
comemorações  
dos seus 70 anos

PROFESSORES

## Assembléia discute Acordo Interno e contratos de trabalho

A APROPUC marcou para a segunda-feira, 21/8, uma assembléia para discutir algumas questões que estão preocupando os professores neste início de semestre. O Acordo Interno é a primeira delas. A Reitoria retomou em agosto as negociações com a APROPUC, porém adiantou que as propostas apresentadas anteriormente podem sofrer alterações, em virtude da determinação do Ministério Público de que a universidade não ultrapasse aquilo que está determinado na convenção do Sindicato. A Reitoria deve apresentar novas propostas nesta semana, bem como um novo cronograma de pagamento dos valores em atraso referentes aos reajustes docentes.

Outro problema refere-se à atribuição de aulas aos professores. No início de cada semestre a Divisão de Recursos Humanos apresenta as fichas cadastrais dos professores, indicando o tipo de contrato que cada um terá no período. Vários contratos vieram com remuneração menor do que aquela recebida pelos professores no primeiro semestre, em função da aplicação automática da maximização da deliberação 65/78.

Esse fato levantou uma grande preocupação na universidade, pois não foram poucos os professores que, potencialmente, poderiam ter seus contratos alterados.

Ouvida pelo *PUCviva*, a professora Neuza Bastos, assessora da Vice-Reitoria Administrativa, afirmou que as anotações feitas nas fichas dos professores não eram definitivas, pois dependiam do processo de certificação que cada chefia departamental iria fazer. A vice-reitoria

acadêmica irá analisar cada observação feita pelos chefes de departamentos, mas a professora Neuza Bastos garante que as situações específicas observadas no primeiro semestre serão respeitadas no segundo. Porém, reduções de turmas podem justificar diminuição de contratos.

Mas motivos de inquietação não faltam aos professores e funcionários:

além das preocupações com suas condições de trabalho, a Reitoria vem sinalizando em várias reuniões que a aproximação da quitação das parcelas do principal da dívida, pode acarretar dificuldades de pagamento do 13º salário, pois a universidade, mesmo com cortes de despesas, não conseguiria recursos para o pagamento.

### Ato na USP debate ataque israelense ao Líbano



FABIONASSIF

Professor Osvaldo Coggiola coordenou o ato na Universidade de São Paulo

Na quarta-feira, 9/8, aconteceu na Universidade de São Paulo um ato reunindo entidades sindicais, professores, e políticos de várias correntes para debater a atual crise do Oriente Médio. O ato, programado para o Anfiteatro da USP, teve que ser realizado nos gramados da universidade, pois a Reitoria proibiu a utilização do auditório. Com a coordenação do professor Osvaldo Coggiola, o evento contou com a presença do professor Aziz Ab'Saber, do deputado federal Ivan

Valente, Sindicato dos Trabalhadores da USP, Associação dos Docentes da USP e DCE da USP.

Os presentes decidiram tirar um Comitê de apoio ao povo palestino e libanês e participar das atividades programadas pelo Comitê de Apoio ao Povo Árabe. A Associação dos Professores da PUC-SP, APROPUC, marcou presença no ato, através da professora Priscila Cornalbas, que entregou um manifesto da associação sobre o assunto (veja a íntegra do documento nesta edição).

## A lógica do voto nulo

Há muitos anos que a opção pelo voto nulo não aparecia com tanta força. Muitos parlamentares, militantes partidários e marqueteiros – de diferentes legendas – comentam que, no contato com o eleitorado e nos dados fornecidos pelas pesquisas qualitativas, a defesa do voto nulo ganha força entre os eleitores. Cada dia mais os grupos da Internet e as pequenas organizações políticas de esquerda pregam abertamente a opção pelo voto nulo.

A última eleição em que o voto nulo ganhou expressão nacional foi na de 1970, durante o governo Garrastazu Médici, no período de maior violência da ditadura militar (1964-1985). Antes disso, o voto nulo apareceu com frequência nos momentos denominados “democráticos” – nos quais havia uma limitada liberdade partidária, poderosa influência econômica e controle dos “currais eleitorais” pelo coronelismo regional. Várias vezes o voto nulo representou uma reação de deboche do povo contra a mesmice do jogo político nacional.

A liberdade do eleitor para votar em quem quisesse, inclusive para poder anular o seu voto, ganhou destaque no rinoceronte Cacareco e num macaco conhecido do zoológico do Rio de Janeiro, ou em personagens míticos como Che Guevara, ou mesmo em figuras locais utilizadas pelos eleitores para manifestar o seu descontentamento com a eleição oficial. No protesto de 1970 estava implícita a denúncia da farsa eleitoral montada por Arena e MDB, na época ambos coniventes e dóceis à ditadura militar.

O voto nulo de agora também está repleto de sentidos – fartamente fundamentados na realidade brasileira, na história recente, nos fatos políticos e no quadro da representação oferecida ao povo brasileiro. Está na cara que o País vive um momento de esgotamento de alternativas, que a ausência de projetos nacionais colocou os principais partidos no mesmo saco do neoliberalismo. O governo Lula, do PT, decepcionou não porque tenha ousado em mudar, mas por ter sido uma continuidade mascarada do governo FHC, do PSDB. Ambos caíram no mesmo campo da macro-economia ditada pelo capital financeiro e do reparo superficial das mazelas sociais. Nada mais do que isso.

Outro sentido da opção pelo voto nulo está no resgate da ética – que muita gente está buscando lá no fundo da alma (e do baú) para mostrar, com coragem, que a política não é o vale-tudo que está sendo praticado, não é o conchavo conciliador das elites costurado no roubo do dinheiro público, não é o discurso demagógico e enganador maquiado pelos mercenários da mídia.

Além disso, a opção pelo voto nulo parece carregar uma percepção fatal para o atual sistema de representação na democracia liberal-burguesa: é a constatação de que o voto não muda nada ou muda muito pouco, e que a mudança no Brasil precisa de mais força do que o voto depositado na urna. O recado desse voto nulo é uma consciente opção de que não dá mais – no limite da liberdade e do poder de cada eleitor – para legitimar o jogo que aí está, com partidos sem programas e políticos sem escrúpulos.

O voto nulo de 2006 é um voto perfeitamente sintonizado com a realidade brasileira. Se o recado será entendido, é uma outra história.

*Hamilton Octavio de Souza,  
Diretor da Apropuc.*

**P.S.** – Apesar de refletir sobre a lógica do voto nulo, não tenho posição pessoal totalmente fechada com essa opção, mesmo porque reconheço valores em vários candidatos e tenho grande admiração e simpatia por Plínio de Arruda Sampaio e Ivan Valente.

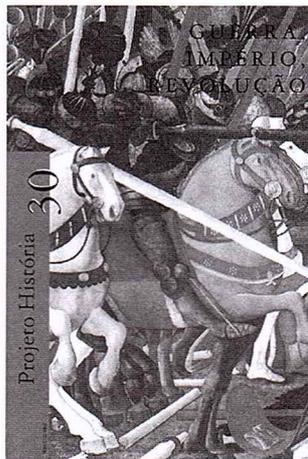
## Projeto História lança o livro Guerra, Império e Revolução

Isto é um homem? Retomando a frase de Primo Levi, o prefácio do livro *Guerra, Império e Revolução* abre a discussão sobre os tempos modernos, descritos no texto como “tempos de barbárie inaudita, com resgate de métodos imperialistas”.

O livro faz parte de uma série de publicações do pós em História, e está em seu número 30, relacionado ao primeiro semestre de 2005. O próximo número, referente ao segundo semestre do mesmo ano, será lançado em breve, com o tema *Américas*.

Publicado pela Educ, o livro congrega traduções, artigos, entrevistas, pesquisas, resenhas e notícias de arquivo. Os textos são assinados por professores da PUC-SP, como Paulo-Edgar Resende e Vera Lúcia Vieira, e diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros como Valério Arcary, Christian Castillo, Domenico Losurdo. A coordenação é do professor Antônio Rago Filho, também autor do prefácio.

Com a eclosão de diversas guerras de jugo imperialista



ao redor do mundo, o livro presta-se também a analisar de forma ampla as relações estabelecidas entre estas e o capital. O primeiro texto, *Existe hoje um imperialismo europeu?*, assinado por Domenico Losurdo, faz referência ao im-

perialismo atual a partir da perspectiva das teses leninistas e comprova sua atualidade ao observar as invasões norte-americanas no Iraque e Afeganistão. Ele refuta a tese da imposição de uma democracia tutelar de direitos humanos a um povo “incivilizado”, referindo-se à perspectiva leninista da essencialidade da guerra de talhe imperialista.

Já Christian Castillo, em seu artigo *Comunismo sem transição?*, analisa as relações de trabalho atuais em contraposição à concepção “pós-industrial” e de “capitalismo cognitivo”, e aponta perspectivas revolucionárias em nossa sociedade. Além destes temas, o livro se dedica a discutir temas como nazismo, mídia, Guerra de Canudos e Império Romano, entre outros.

**PUCviva**

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.  
**Coordenação:** Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Divera. **Reportagem:** Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Eron Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br). **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCviva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br).

# **Israel e Estados Unidos: Fora do Líbano e da Palestina!**

A APROPUC – Associação dos Professores da PUC-SP – posiciona-se pela imediata retirada das tropas israelenses do Líbano e da Palestina, pelo fim de todo bombardeio, pela libertação de todos os presos e devolução integral dos territórios ocupados (Gaza, Cisjordânia, Golan). E que Israel pague pela destruição material, econômica e pelo massacre dos civis. Que os Estados Unidos sejam igualmente responsabilizados pelos crimes de guerra contra o Líbano e a Palestina.

A guerra contra o Líbano é claramente expansionista e colonialista. É falso o pressuposto de que Israel apenas exerce seu direito de defesa. O sionismo baseia-se no fundamento colonialista de ampliação de território. O argumento de que o governo israelense exerce o direito de defesa desproporcionalmente não modifica o essencial: o expansionismo econômico e militar. Ao contrário, Israel não se defende, mas ataca o Líbano e a Palestina segundo suas necessidades de ampliação de fronteiras, criadas artificialmente com a imposição do Estado sionista no fim da Segunda Guerra Mundial. Está aí por que devemos defender incondicionalmente o povo libanês e palestino contra a poderosa máquina de guerra israelense.

Os Estados Unidos são os principais responsáveis pela ação devastadora de Israel sobre o Líbano e a Palestina. O governo norte-americano, em última instância, dá as ordens de invasão e guerra. A partir da Segunda Guerra Mundial, cresceu enormemente sua influência sobre o Oriente Médio, em detrimento do imperialismo europeu, que passou a sócio menor na espoliação da região. As fontes de energia são estratégicas para as potências e suas multinacionais. Israel é o principal braço dos Estados Unidos no Oriente Médio, por isso foi armado como poderosa máquina de guerra, inclusive com armas nucleares. O expansionismo e o colonialismo do poder sionista refletem, em grande medida, o domínio imperialista norte-americano.

A ofensiva militar contra o Líbano tem a ver com a ocupação do Iraque pelos Estados Unidos. A intervenção nesse país corresponde à necessidade dos Estados Unidos de impor mais vasta-

mente seu domínio na região e estabelecer a sua partilha com as potências européias. Mas a resistência nacionalista conta com apoio ativo das massas empobrecidas em todo Oriente Médio. Os massacres no Iraque, Palestina e Líbano recrudesceram o ódio antiimperialista contra os Estados Unidos e contra o sionismo de Israel. O imperialismo não tem outra saída senão alimentar as guerras e ampliá-las. Nesse sentido evolui a campanha contra o Irã, com a justificativa de impedir seu desenvolvimento nuclear. O avanço de Israel sobre o Líbano potencia as tendências de guerra em toda região. A derrota de Israel é fundamental para que o povo iraquiano vença a ocupação; e para que a ofensiva contra o Irã seja barrada.

O massacre de civis no Líbano e Palestina ora é justificado como erro militar, ora como inevitável, porque a guerrilha do Hezbollah e do Hamas está submersa na população. Essa explicação deve ser denunciada. A gigantesca máquina de propaganda do imperialismo precisa convencer a população mundial que são democráticos, defensores dos direitos humanos e que praticam a guerra como último recurso defensivo. Pura mentira. Palestinos, libaneses, iraquianos etc... não têm como se defender perante o poderio bélico das potências e de Israel. Assim surgem movimentos como Hezbollah e Hamas, que só são capazes de resistir contando com a luta de grande parcela da população. O ataque a civis, na realidade, é guerra contra a população. Os massacres são necessários para a máquina de guerra se impor. Devemos denunciar como genocídio e crime de guerra contra os povos oprimidos.

**A APROPUC CHAMA OS PROFESSORES, ESTUDANTES, INTELLECTUAIS E TODA A POPULAÇÃO A CONDENAR A GUERRA DE ISRAEL/ ESTADOS UNIDOS CONTRA O LÍBANO/ PALESTINA, A EXIGIR O FIM DA OCUPAÇÃO DO IRAQUE E A DEFENDER A AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS.**

São Paulo, 09/08/06

# Serviço Social comemora seus 70 anos

Neste ano, a Faculdade de Serviço Social comemora o seu 70.º aniversário. Para celebrar a data estão sendo preparados diversos eventos, que têm início marcado para o dia 25/8, sexta-feira. Nessa abertura, serão realizados debates pela manhã (às 8h no Tuca) e à noite (às 20h, na sala 333), com representantes da graduação e da pós, bem como dos estudantes da Faculdade. No evento também serão lançados os concursos que premiarão os melhores trabalhos nas categorias de foto, vídeo, poesia, texto e cartaz, que abordem os 70 anos do Serviço Social.

No mês de setembro acontece a oficina da Abepss, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, e no mês de outubro ocorrem os seminários debatendo vários temas ligados à área.

## Pioneirismo

Anterior à própria Pontifícia Universidade Católica, a Faculdade nasceu como o primeiro curso de Serviço Social do país, em 1936. A iniciativa de criar o curso foi do Centro de Estudos da Ação Social de São Paulo. Para a professora Maria do Socorro Reis Cabral, o surgimento da profissão de assistente social, bem como do curso de Serviço Social, está relacionado com a expansão do modo de produção capitalista no

país, com a emergência da questão social, traduzindo o acirramento da relação capital-trabalho.

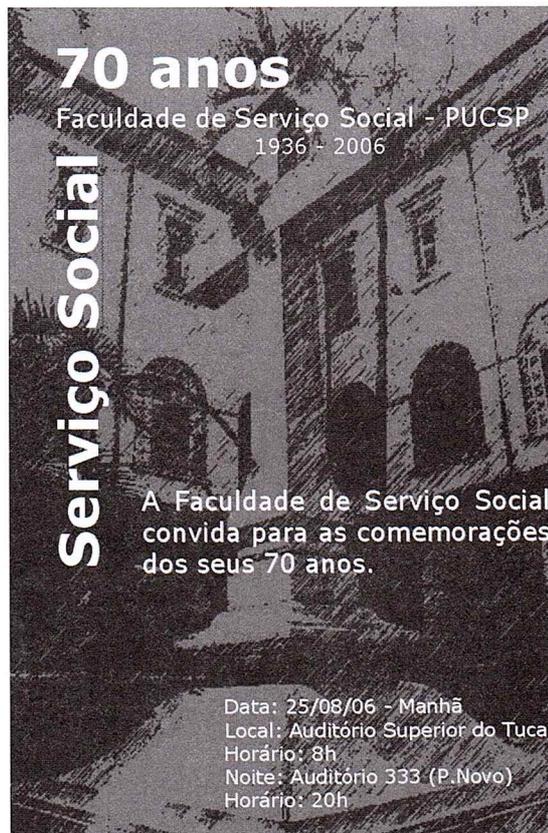
Em 1947, o curso passou a integrar a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na condição de Unidade Agregada. Somente em 1972, com a Reforma Universitária, é que se incorpora de fato à universidade, na condição de Departamento de Serviço Social, da Faculdade homônima.

O pioneirismo que marcou a fundação do curso se fez presente também na criação do mestrado, em 1972, e do doutorado, em 1981, que respondem pela formação e especialização de docentes que atuarão em diversos cursos de Serviço Social espalhados pelo país.

## Inserção na sociedade

Uma das marcas da Faculdade é sua preocupação histórica com um ensino voltado às necessidades mais prementes da população. Em comunicação proferida na Abepss, a professora Maria do Socorro, discorrendo sobre a reforma curricular do curso de Serviço Social, assinala que “a formulação do currículo de 1982 pautou-se nos princípios e linhas norteadoras do Projeto Educacional da PUC-SP, que se estrutura com base na qualidade de sua formação, na pesquisa, cujo saber propõe-se a estar voltado para os problemas e urgência da maioria da população, na autonomia universitária e na construção de fóruns democráticos de deliberação”.

Outro traço distintivo da Faculdade tem sido a relação democrática estabelecida com os estudantes. As decisões, via de regra, são debatidas com os estudantes, que têm voz ativa nos rumos do curso. A Faculdade e seu corpo discente têm marcado posição nos principais acontecimentos políticos e acadêmicos da PUC-SP, como a recente crise provocada pela demissão de professores e funcionários da universidade, quando a Faculdade realizou uma série de atividades mantendo vivo o espírito crítico de seu corpo discente e docente.



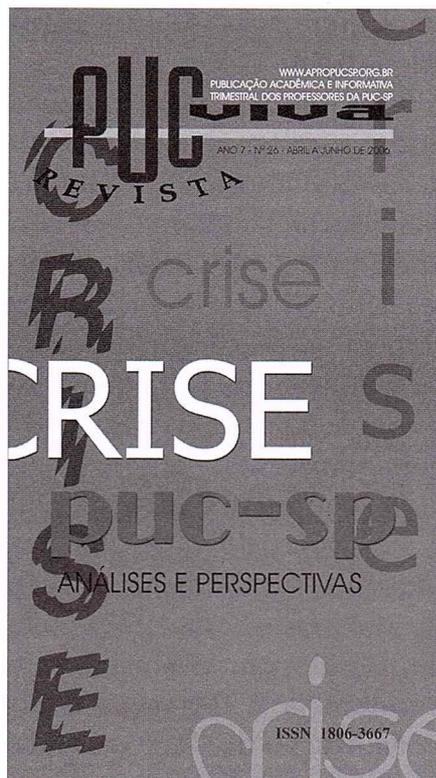
# Revista PUCviva discute a crise da universidade

Começa a circular na próxima semana o número 26 da Revista *PUCviva*, dedicada inteiramente à crise da PUC-SP.

O sentido da publicação é explicitado logo na sua abertura, escrita pelo diretor da APROPUC Erson Martins de Oliveira: “este número da revista *PUCviva* reflete o impasse dos professores frente à crise da PUC-SP. Por que impasse? Duas razões: heterogeneidade de visão e ausência de mobilização. Sem resposta coletiva dos docentes, a Fundação São Paulo e a Reitoria permanecem com as mãos livres para conduzir a crise a seu modo, a despeito das condições de trabalho e de ensino”.

Num momento em que a Fundação São Paulo pretende mudar o perfil da universidade, torna-se importante a confrontação dos mais variados pontos de vista sobre a questão. Este 26.º número da revista contribui justamente nessa direção.

Além da posição da entidade sobre o problema, a publicação traz artigos de professores que acompanham a crise de perto, das



mais diversas maneiras. Salma Tannus Muchail, da Faculdade de Comunicação e Filosofia e do Conselho Universitário escreve sobre os impactos da crise. Já o ex-reitor Antonio Carlos Ronca assina um artigo com o nome *Avatares sobre a natureza universitária da PUC-SP*.

Um balanço da atuação da APROPUC na crise é feito pelo

professor Erson Martins de Oliveira, enquanto que o professor Luiz Felipe Pondé traça *Treze teses sobre a PUC-SP*. O espinhoso tema da *Sustentabilidade financeira, excelência acadêmica e compromisso social* é discutido pelo professor Claudio Couto.

O ex-professor da casa Francisco Fonseca participa da publicação com o artigo *Os significados da crise e a crise de significados*. Jorge Claudio Ribeiro, do Departamento de Teologia, desenha um novo mapa do poder na universidade.

Destacam-se também as participações de Lúcio Flávio de Almeida, (*PUC e APROPUC: dimensões da crise*) e do estudante Rodrigo de Souza (*Entre a reestruturação capitalista e a universidade sobre controle da comunidade*).

Finalizando, temos a opinião da AFAPUC sobre como a crise vem atingido os funcionários. São apresentados ainda dois dossiês com os documentos publicados pela APROPUC durante o período. Os professores associados à entidade começam a receber a revista em suas residências na próxima semana.

## Moção de apoio aos professores e estudantes da UNICSUL

As medidas financeiras e administrativas da direção da UNICSUL afetam o trabalho docente, as condições de ensino e as mensalidades pagas pelos estudantes. O movimento de professores e estudantes luta contra as demissões. Denuncia: “de forma nenhuma, nos surpreende que a reitora da UNICSUL – univer-

sidade que vem flexibilizando contratos de trabalho e demitiu cerca de 40 professores – seja uma ex-puquiiana. A Profa. Dra. Sueli Marquesi, que chegou inclusive a vice-reitora da PUC-SP, não faz nada de diferente do que têm feito a reitora Maura Vêras e seu corpo burocrático: *descarrega a crise nas costas dos*

*estudantes e trabalhadores*”. A APROPUC está de acordo com a luta de quem trabalha e estuda na UNICSUL. Não há outro caminho para enfrentar a universidade do lucro senão lutando pelo trabalho, pelas condições de ensino e pela educação pública e gratuita em todos os níveis.

Diretoria da APROPUC

# Rola na rampa

## Entidades preparam atividades críticas

Em alternativa às semanas comemorativas que serão realizadas pela Reitoria neste e no próximo mês, a APG, APROPUC, AFAPUC e Centros Acadêmicos organizarão atividades acadêmicas e culturais voltadas a temas que evocarão principalmente a crise vivida na PUC-SP. Homenagens aos professores demitidos no começo deste ano, discussões sobre a crise, sua agudização neste segundo semestre e outras manifestações serão foco dessas atividades.

## PUC promove a 5.ª Semana de Recrutamento

Nos dias 14 e 15/8, no câmpus Monte Alegre, e 16/8 no câmpus Marquês de Paranaguá, a Coordenadoria Geral de Estágios (CGE) realiza a quinta Semana de Recrutamento da PUC-SP. O evento traz grandes empresas nacionais e multinacionais para descobrirem novos talentos na universidade. Durante esses dias, os recruta têm a possibilidade de concorrer a vagas de estágio nessas grandes empresas.

## Viagem para São Luiz do Paraitinga

Até esta terça-feira, 15/8, ainda dá tempo de se inscrever para a próxima viagem do Clube da Caminhada da PUC-SP. Desta vez, o grupo fará uma visita à cidade de São Luiz do Paraitinga. O caminho passará pelo Parque Estadual da Serra do Mar, com suas trilhas e cachoeiras. O passeio será neste fim de se-

## Professora da Semiótica lança livro nesta semana

A professora Cecília Almeida Salles, do pós em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, lançará nesta semana seu livro *Redes da Criação: Construção da Obra de Arte*. Dois eventos marcarão o lançamento. O primeiro será no dia 15/8, às 18h, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional (Av. Paulista, 2073). O segundo ocorrerá no dia 19/8, às 16h, no Centro Cultural São Paulo.

mana, com saída na manhã de sábado, 19/8, e retorno no começo da noite de domingo, 20/8. A inscrição pode ser feita na Tesouraria (subsolo do Prédio Novo). As vagas são limitadas. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 3670-8544 ou pelo endereço eletrônico [recepac@pucsp.br](mailto:recepac@pucsp.br).

## Reitoria não negocia acordo com os funcionários

Na primeira reunião de conciliação no Tribunal Regional do Trabalho, a Reitoria afirmou que não poderá negociar nenhuma cláusula do Acordo Interno dos funcionários, por causa do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), da Curadoria de Fundações, que estipu-

la a aplicação da Convenção Sindical aos funcionários. O juiz determinou um prazo de 48 horas para que a PUC-SP apresente o documento da Curadoria e, em seguida, o SAAESP terá cinco dias para se justificar. Depois disso, será marcado o julgamento da questão.

## Nova programação cultural na Videoteca

Nesta semana, a Videoteca recebe a mostra *Soy loco por ti, América*, que já na segunda-feira, 14/8, às 12h, começa com o filme *A Insurreição da Burguesia (A Batalha do Chile - parte 1)* e mais tarde, às 17h, *O Golpe Militar (A Batalha do Chile - parte 2)*. Ambos fazem parte do documentário de Patricio Gusmán, que retrata o processo de ditadura

vivido no Chile na década de 70. Já na terça-feira, 15/8, serão exibidos os filmes *Taxi Driver* e *Casino*, às 12h e 17h respectivamente. Ambos são dirigidos por Martin Scorsese e fazem parte de mostra que traça a trajetória do cineasta. As exibições acontecem no auditório Banespa, no Espaço Cultural da Biblioteca Central (câmpus Monte Alegre).

## Mais dois roubos na PUC-SP

Na semana passada, outros dois roubos causaram apreensão pelos corredores. Desta vez, não à mão armada, como ocorrido no dia 10/8, na lanchonete do CARI. O primeiro roubo ocorreu dentro de uma sala do curso de Direito, no meio da aula. Segundo estudantes da turma, dois colegas saíram da sala por cinco minutos e, quando retornaram, notaram a falta de seus celulares e de R\$ 70. Ainda segundo os estudantes, no início da aula, um rapaz desconhe-

cido por todos e que nunca havia frequentado aquela turma antes, encontrava-se sentado próximo aos dois colegas. O rapaz deixou a sala antes do término da aula. Os estudantes desconfiam de que ele possa ter cometido o roubo. O segundo incidente ocorreu durante um evento da Faculdade de Fonoaudiologia. Enquanto duas estudantes organizavam alguns equipamentos, dois laptops foram levados da sala. Ninguém viu os culpados.